

**ÁLBUM DE RETRATO EM POESIA: IMAGENS MEMORIALÍSTAS DA CIDADE
DE ÁGUA PRETA, DE JORGE EMILIO MEDAUAR**

Gleid Ângela dos Anjos Costa (FAPESB-UEFS)
Tércia Costa Valverde (Orientadora-UEFS)

RESUMO: Objetiva-se neste estudo apresentar um recorte da obra poética de Jorge Emílio Medauar, poeta, romancista e contista baiano. Busca-se demonstrar a escrita grapiúna através de da análise dos poemas “Autobiografia” do livro **Jorge Medauar em prosa e verso** (2006) e “Sonêto” do livro **Morada de paz** (1949) os que “fotografam” a pequena cidade natal do escritor: Água Preta (atual Uruçuca). Além disso, delinearemos o quadro de escritores da região do cacau através de Medauar e propagaremos a beleza de sua escrita por meio de poemas oriundos de suas memórias, as quais tecem, simbolicamente, um álbum de retrato em forma de lirismo. Apesar de o autor ter se mudado para Rio de Janeiro e depois para São Paulo, as lembranças da pequena cidade Água Preta sempre estiveram efervescentes em sua memória e foram transformadas em contos, poemas e sonetos. Produtos de suas memórias, esses poemas vislumbram a afetividade pelo espaço e a rememoração e reconstrução de imagens do seu passado e também do povo interiorano de Água Preta. Percebe-se então que, quanto mais o escritor se distânciava de sua terra natal mais ele passa a observá-la e a refletir sobre ela. Nesse sentido, entende-se que uma obra não se torna clássica por sua fama, mas, pelo seu valor literário e sua contribuição para a história de um povo. A fundamentação teórica está baseada em autores como: Bakhtin (2003); Francisco Igreja (1991), Fonseca (2012); Gomes (1994); Le Goff (2003); Paz (1982); Simões (1987), entre outros.

Palavras-chave: Literatura do cacau. Poesia. Poesia contemporânea. Jorge Medauar.

ÁLBUM DE RETRATO EM POESIA: IMAGENS MEMORIALÍSTAS DA CIDADE DE ÁGUA PRETA DE JORGE EMILIO MEDAUAR

Gleid Ângela dos Anjos Costa (FAPESB-UEFS)
Tércia Costa Valverde (Orientadora UEFS)

No presente trabalho, exporemos um recorte poético a fim de representar um pouco da escrita grapiúna, através de poemas do baiano Jorge Emílio Medauar. Para isso, usaremos como *corpus* de análise desta pesquisa os poemas “Autobiografia” do livro **Jorge Medauar em prosa e verso** (2006) e “Sonêto” do livro **Morada de paz** (1949). Apesar de o autor ter se mudado para Rio de Janeiro e depois para São Paulo, as lembranças da pequena cidade Água Preta sempre estiveram efervescentes em sua memória e foram transformadas em contos, poemas e sonetos. Frutos de suas memórias, esses poemas apresentam-se como um álbum de retrato que, em forma de lirismo, vislumbram a afetividade pelo espaço e a rememoração e reconstrução de imagens do seu passado e também do povo interiorano de Água Preta. Percebe-se então que, quanto mais o escritor se distância de sua terra natal mais ele passa a observá-la e a refletir sobre ela. A saudade também é um elemento que “tempera” a sua arte.

O poeta, contista e romancista Jorge Emílio Medauar (1918-2003), nasceu em Água Preta do Mocambo, atual município de Uruçuca. Situada no Sul da Bahia, a cidade chamava-se Água Preta por conta do rio de mesmo nome, de coloração escura, abundância de peixes e local de diversão da população, o qual encontra-se poluído. A cidade que hoje recebe o nome de Uruçuca, possui atualmente 19.837 mil habitantes e agrega o distrito de Serra Grande e suas praias paradisíacas. Envolvida pela Mata Atlântica, o local agrega um dos maiores parques de reserva de proteção ambiental do mundo: **Parque Estadual da Serra do Conduru**, considerado como uma das maiores biodiversidades mundiais. Na época em que Medauar residia na cidade, o cacau era a principal fonte de renda, o que tornava o município um dos grandes exportadores da região cacauceira liderado pela quase extinta **CEPLAC** (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira). Após a crise nas lavouras, por conta da praga “vassoura de bruxa”, o município passou a sobreviver do comércio local.

Segundo Francisco Igreja (1991), Medauar participou da revista **Leitura** como secretário e foi diretor da **Revista Sucursal de O Globo**, em São Paulo. Foi membro da Academia de Letras de Ilhéus-BA e da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil em São Paulo. Foi detentor de vários prêmios dentre eles: O **Jabuti** em 1958 com o livro de

contos, **Água Preta**. Publicou obras em poesia como: **Chuva sobre a tua semente** (1945); **Morada de Paz** (1949); **Prelúdios, Noturnos e Temas de Amor** (1954); **À Estrela e aos Bichos** (1956); **Fluxograma** (1959); **Jogo Chinês** (1962). Além desses, publicou também livros de contos, tais como: **Água Preta** (1958); **A Procissão e os porcos** (1960); **Histórias de Menino** (1961); **O Incêndio** (1963); **Coleção Imboeiro-Angola** (1963); **Jorge Medauar conta história de Água Preta** (1975); **Visgo da Terra** (1983); **2 Contos de festa** (1958); **Contos encantados** (1985); **Viventes de Água Preta** (1996), o livro de sonetos: **As estrêlas e aos bichos** (1956) e livros infantis e infanto-juvenis como: **Bem como o diabo**(1982) e muitos outros.

Jorge Medauar deixou grandes obras para a Literatura Brasileira, e, em especial a literatura baiana, ao lado de outros grandes escritores como: Adonias Filho, Jorge Amado, Cyro de Mattos, Hélio Pólvora e Sosígenes Costa. Sua escrita regionalista, de maneira simples, passeia por várias temáticas. A maioria delas extraídas da observação do povo interiorano da zona cacauzeira do Sul da Bahia. Temas como a água, o rio, o lago, a natureza, a viagem e a infância são marcantes em sua criação poética.

Nas próximas páginas deste trabalho, situaremos a poesia enquanto *locus* de memória e representação de ideias. Posteriormente, analisaremos os poemas tendo em vista as características interioranas, bem como as recordações subjetivas do autor. Não buscaremos afirmar, neste trabalho, se a escrita de Medauar é autobiográfica ou não, mas, traçaremos algumas visões acerca da representação da cidade interiorana sob a ótica deste autor. Nesse sentido, levamos em consideração que o leitor é um coautor, o que nos dá margem para criarmos assertivas sobre a poesia medauariana.

O estudo da Literatura bem como dos Estudos Culturais está tomando novos rumos no século XX, no Brasil. Quem examina os percalços históricos dessas duas vertentes percebe que a preocupação de tentar imprimir a “cor local” através de temas que envolvem a natureza, deu lugar à observação do sujeito e do espaço social. A cultura foi repensada no intuito de criar uma literatura mais engajada, reconhecedora do espírito nacional e mais próxima ao realismo.

Nesse panorama, a Literatura Regional é uma das vertentes que tentam sobreviver em meio a essas mudanças. O sujeito moderno e a cidade tornam-se o centro das produções literárias e refletem o individualismo, os sentimentos oriundos das metrópoles, a crise do sujeito, a tecnologia, dentre outros temas que inspiram a contemporaneidade.

Diante disso, os estudos literários procuram compreender as mudanças de uma época ainda que seja “uma ciência jovem”, como elenca Bakhtin (2003,p.360).Faz-se necessário ampliarmos os estudos de literatura regional, em especial daqueles que representam a região sul-baiana sob a qual apresenta marcas de identidade cultural, através da contribuição de escritores grapiúnas¹como Jorge Medauar, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos, Euclides Netto e Jorge Amado.

Se a literatura não pode ser entendida fora da cultura, a mesma constitui-se como ferramenta de propagação do saber de uma civilização, de uma era, de um olhar ficcional sobre a realidade. Dessa fruição, o papel da memória é imprescindível, pois, armazena as “vivências, costumes, práticas e características culturais que marcaram uma época” (JUCIENE, 2011, p.13).

Segundo Le Goff (2003,51), a memória é ativada pelo social, pela apropriação de elementos que representam um passado, um presente e um futuro de uma civilização. Ela fixa lembranças capazes de representar um imaginário social. Assim, o poeta/escritor possui a deusa grega *Mnemosine*, no interior de sua criação artística. Tendo em vista que ele é artesão da palavra, fabrica memórias, tece identidades, ou seja, é responsável por ser o “fio condutor”, como enfatiza Paz (1982, p.46), entre o ser social e o ser dotado de sentimentos, de palavras que exprimem o âmago do nosso ser.

O poeta Medauar esteve diante de diversos temas inspirados pelos grandes estados brasileiros pelos quais passou. Rio de Janeiro e São Paulo foram alguns deles, contudo, escolheu escrever sobre o povo interiorano da pequena cidade Água Preta. Há, nesse sentido, o desejo de imprimir as emoções do povo grapiúna mesmo estando diante de inspirações citadinas e modernas advindas das grandes metrópoles. Percebeu-se, assim, que a literatura regional passou por transformações a partir dos anos 70. O foco deixou de ser o ciclo do cacau—o qual abarcava as cidades que movimentavam a economia do cacau como: Itabuna, Rio do Braço, Uruçuca, Ubaitaba, Ubatã, Gandu, Ipiaú, Itajuípe e Coaraci – e passa a ser, por exemplo, os acontecimentos dos arrabaldes da cidade pequena, o suspiro às lembranças do

¹Segundo Santos (2010, p.22) “ ‘Grapiúna’ foi o adjetivo pátrio adotado, por evolução semântica do Tupi, a todo aquele que é nativo da zona do cacau”. Na história, a ideia de ‘civilização cacauera’ começou a se configurar depois de a Carta Régia de 25 de Abril de 1534 que doou a Capitania de São Jorge dos Ilhéus, a Jorge Figueiredo”.

passado e do porvir. Houve um interesse do leitor pela “universalidade” da obra, mas também, pelo seu regionalismo. Buscou-se entender, não somente os sentidos da vida moderna das grandes cidades, mas, as emoções do povo simples, da cidadezinha pacata. Sobre isso, Maria de Lourdes Netto Simões (2009, p.3) comenta que: “o efeito da literatura sobre o seu leitor pode ser suscitado do interesse pela cultura local e provocador de viagem, promovendo o trânsito do espaço ficcional ao espaço real [...]”. A literatura passa a ser então veículo de propagação da cultura e das “faces” de uma civilização, possui uma força representativa através do universo ficcional e imprime as imagens que constituem memórias individuais e coletivas.

Há tantas maneiras de captar o que se quer guardar para “lembrar”. As lentes da máquina de fotos recortam apenas um pedaço de uma imensidão; as cartas guardamos sentimentos do momento em que foram escritas, e as pinturas revelam as cores da inspiração do pintor. E a poesia? Esta guarda, como em um bauzinho de saudades, os mais singelos pensamentos e inquietudes do sujeito. É uma maneira de o poeta dizer e desdizer ao mundo que a poesia representa a alma humana –E a alma das coisas e dos bichos. Porque não?

Retratar cada detalhe, muitos deles que escapam aos olhos e são “vistos” pelo coração, é o que mais o poeta sabe fazer e até deve fazer para aqueles vazios de lirismos, cômodos em sua fria objetividade. Ao ler um poema, o leitor pode experimentar o momento poético além de preenchê-lo, com suas impressões, os significados que estão expostos ou não no poema, como por exemplo, afirma Paz (182). Todo escritor deixa uma margem vazia para que o leitor se inspire e a complete.

Ser poeta é cantar a sua terra, como fez Mario de Andrade no poema **Inspiração**, e Drummond em **Poema de sete faces**; Borges em **Buenos Aires** e Baudelaire, com seus tantos poemas à Paris. Jorge Medauar também escolheu escrever sobre sua cidade e esse sentimento de pertença à Água Preta. Cidade esta que aparece em suas diversas narrativas ficcionais, nas quais recria a vida simples e os acontecimentos do homem do campo que, embora pareçam banais diante da cidade moderna, transpõem riqueza literária e representação identitária do grapiunense.

Os versos simples e cheios de sonoridades em **Soneto**, do livro **Morada de Paz** (1959) e **Autobiografia**, do livro **Jorge Medauar em prosa e verso** (2006), são um dos exemplos da poética do autor poeta aguapretano. Em **Soneto**, está toda a fugacidade pela cidade interiorana Água Preta, que é descrita através de um borbulhar de lembranças:

SONETO

Me agrada ouvir a minha própria música
Esta que rola dentro de mim mesmo
Que me repele frases que não digo
E traz-me sugestões para o poema.

Esta que vem de infância em Água Preta
Do furto de goiabas no colete
Do moleque correndo pelas ruas
De voz de minha mãe dando-me a benção.

Dos erros praticados sem querer
Vergonha, choro oculto, intransigência
Defeitos que percebo, hipocrisia.

Sobe, música, e parte-me, divide-me
Para que eu veja a noite e a madrugada
E possa a todo instante renascer.

(MEDAUAR, Jorge, 1959, p.47)

O título **Soneto** já inspira a forma com que se encaixam as reminiscências do poeta. Na primeira estrofe, o eu lírico revela ao leitor, em tom intimista, o que sente. Explica a sonoridade de sua criação artística, que incontrolável, toma o seu ser: “Me agrada ouvir a minha própria música/ Esta que rola dentro de mim mesmo/ Que me repele frases que não digo”. Nestes versos confessionais, paira a inspiração do poeta, que brota da música que sai de dentro de si e resulta em poema: “E traz-me sugestões para o poema”. No entender de Cid Seixas (2003, p.22), “O poema não ordena e aflora apenas o que foi dito, mas também o que nunca se dirá, o indivisível que precisa ser dito” e por isso, o poema vai muito além das palavras impressas num papel. Diríamos que cada leitor faz seu caminho e dirige sua própria excursão, moldando os sentidos que afloram dentro de si.

Mais adiante, os versos do poeta baiano começam a delinear o álbum de imagem de sua terra natal e de sua infância: “Esta que vem de infância em Água Preta/Do fruto de goiabas na coleta/Do moleque correndo pelas ruas/De voz de minha mãe dando-lhe benção”(MEDAUAR, 1959, p.47). No primeiro verso dessa segunda estrofe, o poeta apresenta a serena Água Preta como espaço particular no qual viveu quando criança. Como um contar de histórias, as imagens vão se construindo através de um ritmo marcado pelas preposições: “Do fruto/Do moleque/De voz” (*Ibidem*). Além disso, essa cadência do narrar vai somando, um a um, os fatos como se

fosse um *flash Back* da memória do eu-lírico. Ele volta no tempo das travessuras infantis, da leveza do brincar e da inocência que se pode ter na cidade pequena. O furto de frutas escolhidas “a dedo” já indica essa tranquilidade de Água Preta, que não respira a movimentação desvairada da cidade grande e que ainda preserva as árvores frutíferas que a caracterizam como meio rural ainda não urbanizado. “Furtar”, nesse sentido, não é ato proibido, uma vez que na cidade envolta por mata atlântica tudo é livre, pois, não há ainda a ganância, a maldade e o individualismo.

A imagem “Do moleque correndo pelas ruas” distancia Água Preta do panorama das cidades modernizadas, por onde passeiam “pernas” e carros pelas movimentadas ruas de asfalto e de barulho. O contraste é nítido e demonstra o choque entre passado e futuro, retrocesso e progresso, tradicional e moderno. Essa dualidade é vista também em **A cidade e as serras** (1901), do escritor português Eça de Queirós, quando o mesmo faz uma crítica ao progresso e ao mau uso da tecnologia, colocando, lado a lado, dois espaços: O campo e a cidade. Contudo, em meio a esse contexto, aparece no poema de Medauar a doçura presente no ato da “benção” e da voz maternas, vistos no último verso do segundo quarteto: “De voz de minha mãe dando-lhe benção”. A figura maternal confere a dimensão das boas lembranças do eu lírico, que põe a cidade e a figura da mãe como imagens saudosas.

Nos últimos três versos da última estrofe, a música é embalo e inspiração do eu lírico. O poeta parece fazer uma invocação para que a música transcenda de dentro de si e seja constante no ir e vir de sua alma: “Sobe, música, e parte-me, divide-me/ Para que eu veja a noite e a madrugada/ E possa a todo instante renascer”. Através do discurso lírico, as imagens da memória de um poeta lapidam seu soneto. Embalado pela canção, revive o “ser criança” na cidade interiorana da Bahia e tem na cidade do rio de águas escuras o sentido harmonioso para sua poesia. Medauar buscou, na simplicidade de suas vivências, manifestar as formas que compõem a relação da natureza com a urbe, da infância e do brincar, do apego às lembranças traduzidas por este soneto.

O escritor baiano sente gosto por escrever com traços particulares como, por exemplo, no poema **Autobiografia** (2006):

AUTOBIOGRAFIA

Meu nome todo é Jorge Emílio Medauar
Filho de imigrantes árabes

Tenho ficha na polícia cidadão indesejável elemento
 E amo gatos bichinhos miúdos sem importância [agitador
 Nunca matei passarinho (uma vez fui, a mão tremeu)
 Amo amizades construídas em bar esquina cabaré
 O rio de minha terra
 O mar onde pulo em mergulhos
 Onde vejo gaivotas penso em piratas heróis da [infância
 Penso em viagens conhecer tudo quanto é canto do [mundo
 Amo as noites luarinas gatos miando pelos telhados
 Amo meus livros meu quarto os retratos de mãe e do [líder que me fitam
 Amo até porque compreendo os que me magoam
 Quando nasci em Água Preta meu pai como qualquer [pai
 Se alegrou deu dinheiro aos pobres
 Farinha e carne seca aos cegos da feira
 Minha mãe fez promessa prometeu meu nome a São [Jorge meu protetor
 Também fui batizado crismado como cristão
 Cresci aprendi sofri amei
 Amei tanto que virei poeta para amar também
 Esta coisa que me espreme o coração
 Isto que me dá de noite de manhã a qualquer momento
 Que me põe na mesa me obriga a chorar
 A ver letras tremendo em minha frente
 Gota de lágrima escorrendo pelo rosto borrando a [página
 Por hoje
 – Adeus
 (MEDAUAR, Jorge, 2006,
 p.06)

É interessante salientar o cunho autobiográfico – que também intitula o poema – trazido por Medauar, como se ele quisesse deixar uma explicação ao mundo sobre sua história, origem, e poesia. Talvez sugerisse imprimir, nos versos, recortes de imagens de sua vida ou até mesmo “criar” uma existência a seu modo, com suas palavras e sentimentos. Através de versos rimados aqui ou acolá, garante um ritmo acelerado no suprimento de alguns sinais de pontuação, a exemplo das vírgulas. A começar pelo próprio nome e sobrenome que percebemos no poema, uma vez que o autor fala de si próprio: “Meu nome todo é Jorge Emílio Medauar/Filho de imigrantes árabes” (MEDAUAR, Jorge, 2006, p.06). Além disso, fala

também das perseguições e das prisões durante o governo do Estado Novo (1937-1945) por quais passou: “Tenho ficha na polícia cidadão indesejável elemento agitador” (*Ibidem*).

Novamente as menções à terra natal e a infância reaparecem. Dessa vez delineando as coisas que ama: “Amo [...] O rio de minha terra/ O mar onde pulo em mergulhos/ Onde vejo barcos gaivotas penso em piratas heróis da infância” (*Ibidem*). O rio de que fala Medauar leva o mesmo nome da cidade: Água Preta. Nas águas escuras brincaram crianças enquanto os pais pescavam e as mães lavavam roupas e pratos. O rio também foi palco de diversão e ócio para o poeta aguapretano. Foi tão importante que chegou a compará-lo com a imensidão do mar: “Amo [...] O rio de minha terra/O mar onde pulo em mergulhos” (*Ibidem*). Nele também passeiam barcos-gaivotas-piratas, todos extraídos de memória afetiva de um Medauar pueril. O poeta explica sua origem na pequena cidade de hábitos simples e costumes tradicionais:

Quando nasci em Água Preta meu pai como qualquer[pai/Se alegrou deu dinheiro aos pobres/Farinha e carne seca aos cegos da feira/ Minha mãe fez promessa prometeu meu nome a São[Jorge meu protetor. (*Ibidem*)

E mais uma vez expõe o mais belo sentimento que lhe transborda por ser poeta: “Cresci aprendi sofri amei/Amei tanto que virei poeta para amar também”. Tais versos reforçam a produção artística de Medauar que provêm das suas experiências acumuladas durante a vida. Nasce também do amor que tem por ser poeta de inspiração repentina, retirando de dentro do seu coração toda a emoção que o faz criar:

Esta coisa que me espreme o coração/Isto que me dá de noite e de manhã e a qualquer momento/Que me põe na mesa me obriga a chorar/ Ao ver letras tremendo em minha frente/ Gota de lágrima escorrendo pelo rosto borrando a página. (*Ibidem*, grifo nosso)

O verso grifado acentua a instantaneidade da arte como um dom. O escritor baiano sente o desejo de colocar no papel todo o lirismo brotado do coração. E não há espaço de tempo escolhido para esse fazer literário, acontece sem aviso e emociona: “Que me põe na mesa me obriga a chorar/Ao ver letras tremendo em minha frente” (*Ibidem*). O eu-lírico sente a obrigação de chorar por não ter alternativa. É um choro incontável, não de lamentação, mas, de emoção por sentir a sua arte fervilhando por dentro. As lágrimas são inevitáveis: “[...] escorrendo pelo rosto borrando a página” (*Ibidem*). São as lágrimas a exteriorização da mistura de sensações que o poeta sente dentro de si. No instante de sua criação, é tomado por uma

força quase divina, mas que revela, antes de ser um semideus, um ser social que exprime não só o belo das coisas, mas também aquilo que muitos queriam dizer e não sabem. Por isso, “a única nota comum a todos os poemas consiste em serem obras, produtos humanos, como os quadros dos pintores e as cadeiras dos carpinteiros” (PAZ, 1982, p.52). Do mesmo modo, o poeta aguapretano termina o poema **Autobiografia** humanamente: “Por hoje/-Adeus”, como numa despedida daquele instante de inspiração ou até mesmo como tentativa de deixar aos leitores o legado de suas palavras, num “adeus” de partir como todos partirão um dia, mas, que deixa as palavras para serem descobertas e experimentadas com emoção. A certeza é a de que, como afirma Cid Seixas (2003, p.22, grifos do autor):

O poema fala por si, pelo autor, e pelo outro, pelo leitor. Eles encontram, revelado, nas insinuações do texto, o segredo defendido. O poema sabe, e diz, o segredo, sem que esse seja violado. Por isso o poema é segredo, *claro enigma(sic)*.

Diante dessa lírica telúrica, o poeta que escreve sobre seu povo, sua cidade, fixa seu olhar “em palavras que nomeiam as imagens projetadas numa perspectiva que pode ser sincrônica, ou seja, centrado no momento da observação, ou diacrônica, centrado na prospecção do passado e apontando para o futuro” (FONSECA, 2012, p.45). Esses dois instantes, passado e futuro, estão presentes na escrita medauariana, a atenção para o fazer artístico e a atemporalidade de sua literatura, ou seja, “viajar, portanto, no passado, na tradição, é transformá-lo, salvando-o do esquecimento, tornando-o produtivo: ramos viçosos” (GOMES, 1994, p.45). O poeta, nesse sentido, pinta e emoldura sua visão por meio de palavras que captam um instante, um fato que passou ou que ainda não veio ou nunca existiu. Eis aí a tarefa do escritor-artesão, aquele que trabalha a palavra e tenta imortalizá-la sob a luz das lembranças e no evitar do sombrio esquecimento.

Em suma, o cenário da literatura brasileira é vasto e requer atenção especial, ainda mais com o advento da tecnologia que tornou a propagação da literatura mais eficaz na leitura dos clássicos e das narrativas modernas. O sujeito da contemporaneidade aspira mais e mais informações em curto prazo, instantaneamente, diante das mãos. A este respeito, ganha espaço também a literatura regional, em especial, a, de nomes conhecidos como: Jorge Amado, Gonçalves Dias, João Ubaldo Ribeiro e muitos outros.

Apesar de sempre estar ao lado de grandes nomes de literatura brasileira como Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, quando trabalhou na revista **Literatura** no Rio

de Janeiro, e de conviver com grandes amigos a citar: Assis Brasil, Antônio Houaiss, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Rubião, Érico Veríssimo, Vinícius de Moraes, José Lins Regô, entre outros, Jorge Emílio Medauar, com suas narrativas e seus versos, ainda é pouco conhecido nacionalmente até mesmo por muitos leitores de sua querida Água Preta. No entanto, a literatura não morre quando morre o autor. Ela permanece entre os sujeitos até que os mesmos reconheçam seu valor, dure o tempo que durar essa descoberta.

Destarte, a literatura do cacau (Regional, sul-baiana), marcada pelas vivências, dores e alegrias do povo grapiúna tem sua história eternizada pelas obras artísticas. Medauar colaborou para trazer a sua obra identificada com o povo simples. A sua poesia garante um lugar de destaque na vida de quem o conhece. Na atual Uruçuca, o autor foi homenageado ainda em vida com uma ponte que leva seu nome. Leva também o nome do escritor a biblioteca do Colégio Estadual Carneiro Ribeiro, uma das primeiras escolas da cidade. Além disso, muitos trabalhos acadêmicos foram e estão sendo realizados na Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC-BA e em outras, a exemplo da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS-BA, além de livros lançados e outros que ainda estão no “forno” para lançamento. Diante de toda essa contribuição que Medauar legou ao povo grapiúna e a todos os leitores que conhecem sua obra, está o poder de literatura: de ser como um álbum de retratos que demonstra as memórias de um sujeito, de um povo, de uma nação. A poesia de Medauar nasce do olhar, de suas observações, sensações que teve sobre sua história de vida e da experiência na análise da vida cotidiana. Sua inspiração nasce também do seu ofício de “labutar” com as palavras. Começou escrevendo poesias e depois passou à narrativa ficcional, além de livros infanto-juvenis. Seus poemas não têm mistério. São bem percebidos pelos seus leitores, e é justamente nessa percepção que reside a beleza do jogo de palavras e sentidos.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bizerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONSECA, Aleilton. **O arlequim da pauliceia: Imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade**. 1.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, cidade:** literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IGREJA, Francisco. **Dicionário dos poetas contemporâneos.** Rio de Janeiro: Oficina Letras e Artes, 1991.

LE GOFF, J. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MEDAUAR, Jorge Emílio. **Ensaio.** Ilhéus: Editus, 2000.

_____. **Morada de Paz:** Poemas. São Paulo: Brasiliense, 1949.

NASCIMENTO, Juciene Silva de Sousa. **Jorge Medauar:** Ficção, memória e representação identitária. [dissertação de mestrado] UEFS, 2011.

ODETE, Maria; MATILDE, Maria, MEDAUAR JR, Jorge (org.). **Jorge Medauar em prosa e verso.** Ilhéus: Editus, 2006.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Wasley de Jesus. Literatura da Região do cacau: Uma estratégia metodológica para o ensino da cultura cacauzeira na educação básica. In: REHEM, Reheniglei (org.). **Literatura do cacau.** Coleção Cadernos de aula. Ilhéus, Bahia: Editus, 2010, p.22.

SEIXAS, Cid. **Os riscos da cobra-cega:** recortes de crítica ligeira. Feira de Santana: UEFS editora, 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Poetas novos da região cacauzeira.** Brasília/DF: Horizonte Editora, 1987.